

## La nueva geografía del capitalismo

*La "asiatización" de la economía mundial*

**Mar del Plata, 14 - 15 - 16 de junio de 2023**

<https://congresogeografiaeconomica.wordpress.com/>

ISSN: 2525-0299

## A Nova Geografia do Capitalismo: Os BRICS

**Zeno Soares Crocetti**

Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território. Foz do Iguaçu/Paraná/Brasil.  
Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos Ignácio Rangel (NEIR). Membro do CeHu.

### **Resumo:**

A partir de 2001, logo após o ataque as Torres Gêmeas (WTC), começou um processo gradual de desglobalização que se aprofundou em 2020 com a pandemia do Coronavírus. A principal razão para essa desaceleração da globalização foi a constatação de que o sistema global apresentava uma grande vulnerabilidade devido à concentração industrial em um único lugar.

Quando o acrônimo BRIC foi criado por Jim O'Neill em 2001, ele refletia a visão do mercado financeiro sobre esses países e como eles deveriam ser considerados na estratégia de investimento dos investidores. A crise internacional posterior promoveu uma maior aproximação política entre os países do BRIC, resultando na formação do agrupamento BRICS. Essa institucionalização busca formalizar a redistribuição do poder no sistema internacional.

No entanto, é importante notar que existem contrastes significativos entre os países do BRICS. Cada um deles possui características e desafios próprios, o que pode dificultar o processo de transformação do BRICS de uma estratégia de definição do portfólio dos investidores para uma estratégia de política internacional mais unificada.

**Palavras chave:** BRICS, Geopolítica Internacional, Crise Financeira Internacional, Desglobalização, Neoliberalismo.

**Resumen:**

A partir de 2001, poco después del atentado a las Torres Gemelas (WTC), se inició un paulatino proceso de desglobalización, que se profundizó en 2020 con la pandemia del Coronavirus. La razón principal de esta desaceleración en la globalización fue la comprensión de que el sistema global era altamente vulnerable debido a la concentración industrial en un solo lugar.

Cuando el acrónimo BRIC fue creado por Jim O'Neill en 2001, reflejaba la visión del mercado financiero sobre estos países y cómo debían ser considerados en la estrategia de inversión de los inversores. La posterior crisis internacional promovió un mayor acercamiento político entre los países BRIC, dando como resultado la formación de la agrupación BRICS. Esta institucionalización busca formalizar la redistribución del poder en el sistema internacional.

Sin embargo, es importante señalar que existen contrastes significativos entre los países BRICS. Cada uno de ellos tiene sus propias características y desafíos, lo que puede dificultar el proceso de transformación de los BRICS de una estrategia de definición de carteras de inversores a una estrategia de política internacional más unificadas.

**Palabras clave:** BRICS, Geopolítica Internacional, Crisis Financiera Internacional, Desglobalización, Neoliberalismo.

**Introdução:**

*“Son las ideas las que hacen que la gente se mueva, no la técnica. Un error fundamental de la publicidad sería asumir que la técnica es más importante que las ideas.”*

**John Hegarty**, publicitário inglês. Folha de S.Paulo em 01/02/94.

A partir de 2001, logo após o ataque as Torres Gêmeas (WTC), começou um processo gradual de desglobalização que se aprofundou em 2020 com a pandemia do Coronavírus.

Com o ataque às Torres Gêmeas em 2001, pode-se argumentar que houve um impacto significativo na percepção e no desenvolvimento da globalização. O evento trouxe consigo mudanças políticas, econômicas e morais nos Estados Unidos, enquanto a China começou a ganhar destaque como uma potência em ascensão. Essas transformações contribuíram para uma nova geografia do capitalismo e uma reestruturação geopolítica, com um novo modelo de globalização emergindo no sudeste asiático, com a China no centro desse processo.

Nesse contexto, o surgimento e o fortalecimento do BRICS desempenharam um papel importante na consolidação dessa nova fase do capitalismo. O grupo, composto por



## VIII CONGRESO DE GEOGRAFÍA ECONÓMICA

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, representa um conjunto de economias emergentes que buscavam maior influência e participação nos assuntos globais.

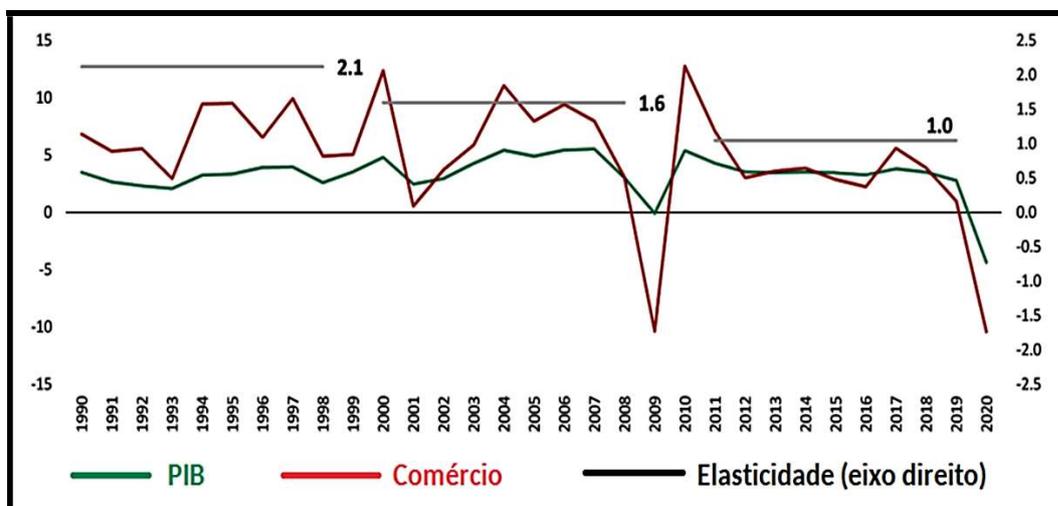
Essa nova geografia do capitalismo, centrada no sudeste asiático e com a China como protagonista, trouxe mudanças significativas nas dinâmicas globais, incluindo:

1. Crescente influência da China: A ascensão econômica e política da China resultou em um deslocamento do poder global em direção ao leste asiático, com a China se tornando uma potência dominante no comércio, investimentos e desenvolvimento tecnológico.
2. Mudanças na cadeia de suprimentos: A nova geografia do capitalismo levou a mudanças na cadeia de suprimentos globais, com a Ásia se tornando um centro de produção e exportação, impulsionado pelo dinamismo econômico da China e de outros países da região.
3. Novas formas de cooperação internacional: O fortalecimento do BRICS e a emergência de outros agrupamentos regionais refletem uma busca por maior autonomia e influência nas decisões globais, desafiando a hegemonia tradicionalmente exercida pelos Estados Unidos e outros países desenvolvidos.
4. Reconfiguração das relações de poder: A mudança na geografia do capitalismo também trouxe consigo uma reconfiguração das relações de poder entre os países, com uma maior competição entre os Estados Unidos e a China em áreas como comércio, tecnologia e influência geopolítica.

### COMÉRCIO GLOBAL 1990-2020

#### COMÉRCIO GLOBAL E A DINÂMICA DA DESGLOBALIZAÇÃO

#### MUNDO: VARIAÇÃO ANUAL DO COMÉRCIO E DO PIB, ELASTICIDADE % 1990-2020



Fonte: CEPAL 2022 com dados FMI 2022, — Elaboração CROCETTI, 2023. Figura 1.

Em resumo, o ataque às Torres Gêmeas em 2001, foi o gatilho que impulsionou o declínio dos Estados Unidos, juntamente com a ascensão da China, contribuíram para uma nova geografia do capitalismo e uma reestruturação geopolítica. O fortalecimento do BRICS desempenhou um papel importante nesse processo, consolidando uma nova fase do capitalismo com o sudeste asiático e a China no centro das transformações.

A principal razão para essa desaceleração da globalização foi a constatação de que o sistema global apresentava uma grande vulnerabilidade devido à concentração industrial em um único lugar.

A segurança das cadeias de produção se tornou uma prioridade, e agora há um movimento de deslocalização industrial para evitar a dependência e vulnerabilidade desse modelo. O "regresso do Estado" está ocorrendo como forma de auxiliar nessa deslocalização industrial.

Em seu livro "O Novo Imperialismo" de 2004, David Harvey desenvolve uma teoria sobre o período pós-2001, chamado de "novo" imperialismo. No entanto, essa teoria não se concretizou como previsto. Em 2023, ainda seguimos a interpretação clássica de Lênin, que enfatiza a aliança entre o poder do Estado e o grande capital corporativo.

O centro do capitalismo busca uma "nova ordem" que garanta estabilidade, previsibilidade e credibilidade, superando a ditadura do capital financeiro e reduzindo a dependência das indústrias concentradas na China e no Sudeste Asiático.

Os novos agentes que buscam essa "Nova Ordem Mundial" podem superar a concorrência cada vez mais acirrada. A China e o "novo BRICS" ampliado estão se tornando líderes mundiais, embora os Estados Unidos ainda sejam a maior potência militar e econômica. No entanto, os EUA estão enfrentando sérios desafios em todo o mundo desde os ataques de 2001, enfrentando uma forte competição capitalista internacional.

Para Prabhat Patnaik, a chamada "desglobalização" é uma estratégia imperialista dos EUA e das potências ocidentais para discriminar a China e evitar que ela se torne a maior potência econômica mundial e militar. Esse esforço visa diversificar as relações comerciais, afastando-se da dependência excessiva da China e buscando parcerias com outros países.

É importante ressaltar que o cenário geopolítico está em constante evolução e que prever eventos futuros com certeza é incerto. No entanto, é essencial manter um diálogo e cooperação entre as nações para evitar conflitos e trabalhar em direção a uma "Nova" Ordem Mundial mais estável e equilibrada.

A interpretação de Patnaik aborda o conceito de "desglobalização" como um fenômeno que não representa uma negação completa da globalização, mas sim um abrandamento



do seu progresso, uma deslocalização gradativa da produção e uma mudança nas dinâmicas de poder. Patnaik argumenta que a globalização é essencialmente uma relação de poder exercida por meio de sanções impostas a países específicos e atração de países para o sistema globalizado. Nesse contexto, a "desglobalização" não é uma reversão completa da globalização, mas uma complementação.

O autor aponta que o capital globalizado tem origem principalmente nas metrópoles e influencia o funcionamento dos Estados metropolitanos. Isso leva à hegemonia do capital globalizado exercida sobre os povos do mundo, especialmente sobre os povos do terceiro mundo. A globalização, portanto, implica na supressão dos trabalhadores, camponeses e pequenos produtores no terceiro mundo, enquanto pode contar com o apoio da grande burguesia e dos segmentos superiores dos assalariados e classes profissionais nesses países.

A "desglobalização" é impulsionada pela percepção de um único ponto de falha no sistema - a concentração industrial em um único lugar. Eventos como paralizações das cadeias de produção e distribuição, interrupções logísticas e crises no suprimento de produtos e insumos, como observado em 2020, 2021 e 2022, têm exposto a extrema vulnerabilidade das empresas e impulsionado essa mudança nas dinâmicas econômicas globais.

Em resumo, a interpretação de Patnaik sobre a "desglobalização" sugere que há uma transformação gradual do processo de globalização, mas o poder exercido pelo capital globalizado e a concentração industrial ainda continuam influenciando fortemente as relações econômicas e políticas globais.

Síntese Histórica:  
**FORTUNE GLOBAL 500 — 1998**

| 1998 | Corporação              | Faturamento Bilhões US | Capital |
|------|-------------------------|------------------------|---------|
| 1    | G M Corporation         | 178,174                | EUA     |
| 2    | Ford Company            | 169,785                | EUA     |
| 3    | Mitsui & Co., Ltda.     | 142,688                | JAPÃO   |
| 4    | Mitsubishi Corporation  | 128,922                | JAPÃO   |
| 5    | Royal Dutch/Shell Group | 128,142                | RU      |
| 6    | Itochu Corporation      | 126,632                | JAPÃO   |
| 7    | Exxon Corporation       | 122,379                | EUA     |
| 8    | Wal-Mart Stores         | 119,299                | EUA     |
| 9    | Marubeni Corporation    | 111,121                | JAPÃO   |
| 10   | Sumitomo Corporation    | 102,395                | JAPÃO   |

Fonte: Fortune Global 500, 2023. Figura 2.

**FORTUNE GLOBAL 500 — 2022**

| 2022 | Corporação               | Faturamento (milhões US \$) | Capital        |
|------|--------------------------|-----------------------------|----------------|
| 1    | Wal-Mart (comércio)      | 572.754                     | EUA            |
| 2    | Amazon.com               | 469.822                     | EUA            |
| 3    | State Grid(energia)      | 460.617                     | China          |
| 4    | China National Petroleum | 411.693                     | China          |
| 5    | Sinopec                  | 401.314                     | China          |
| 6    | Saudi Aramco             | 400.399                     | Arábia Saudita |
| 7    | Apple                    | 365.817                     | EUA            |
| 8    | Volkswagen               | 295.820                     | Alemanha       |
| 9    | China State Construction | 293.712                     | China          |
| 10   | CVS Health               | 292.111                     | EUA            |

Fonte: Fortune Global 500, 2023. Figura,3.



No período compreendido entre o final do século XX e os dias atuais (1998 a 2022), houve um fenômeno denominado "desglobalização". Durante esse período, a zona do euro e outros países de alta renda, incluindo os Estados Unidos, tiveram crescimento lento, enquanto o Japão também apresentou um crescimento modesto. Notavelmente, a economia dos EUA cresceu apenas 2,09 vezes desde 1989, e desde 2001, o país tem enfrentado desafios tanto políticos quanto econômicos.

Nesse contexto, a China emergiu como uma potência econômica exponencial, superando os EUA em termos de crescimento econômico, como evidenciado pelos dados divulgados pela Fortune Global 500. Empresas listadas nesse ranking registraram receitas totais de 37,8 trilhões de dólares, representando mais de um terço do PIB mundial. Essa cifra representa um aumento significativo de 19% em relação ao ano anterior (ano fiscal 2020) e marcou a maior taxa de crescimento anual em 33 anos de história da lista. Os lucros acumulados também aumentaram substancialmente, alcançando um recorde de 3,1 trilhões de dólares.

As empresas da Fortune Global 500 empregam cerca de 69,6 milhões de pessoas em todo o mundo e estão sediadas em 229 cidades e 33 países e regiões ao redor do globo. O número de mulheres CEOs nessas empresas aumentou para 24 no ano de 2022, em comparação com 23 no ano anterior.

É notável que a receita agregada das empresas da Grande China (incluindo Taiwan) ultrapassou a receita das empresas dos EUA na lista, representando aproximadamente 31% do total global, com um faturamento de 11,718 trilhões de dólares em 2021.

O editor da lista da FORTUNE, Scott DeCarlo, comentou sobre o desempenho em 2022, observando que uma recuperação após a pior fase da pandemia gerou um vento favorável para as maiores empresas do mundo em termos de receita. As vendas e os lucros agregados atingiram níveis recordes no ano fiscal de 2021 para a Fortune Global 500. Porém, as empresas enfrentam desafios significativos ao navegar em meio a ventos contrários da economia global em 2022/23.

Isso mostra como a dinâmica econômica global tem se transformado nos últimos anos, com o crescimento acelerado de países como a China influenciando significativamente o cenário econômico mundial e criando desafios para as economias tradicionais, como a dos EUA.

### **1) BRICS: Estratégia no mercado financeiro e uma estratégia de política internacional.**

O termo BRICS originou-se da obra "Building Better Global Economic BRICs" de Jim O'Neill, publicada em 2001. Esse acrônimo refere-se a um grupo de países que se projetariam com um papel crescente na economia global durante o século XXI.

Inicialmente, o grupo era composto por Brasil, Rússia, Índia, China e, posteriormente, em 14 de abril de 2011, a África do Sul também se juntou a ele.

O conceito desenvolvido por O'Neill sugeria que o aumento do peso das economias emergentes no PIB mundial e no comércio global levaria a uma redistribuição de poder, tornando essencial a participação desses países nas discussões econômicas globais. A crise internacional posterior promoveu uma maior aproximação política entre os países do BRIC, resultando na formação do agrupamento BRICS. Essa institucionalização busca formalizar a redistribuição do poder no sistema internacional.

No entanto, é importante notar que existem contrastes significativos entre os países do BRICS. Cada um deles possui características e desafios próprios, o que pode dificultar o processo de transformação do BRICS de uma estratégia de definição do portfólio dos investidores para uma estratégia de política internacional mais unificada.

**Os principais entraves nesse processo incluem:**

- 1) Diferenças econômicas e estruturais: Os países do BRICS têm níveis de desenvolvimento econômico e estruturas políticas diferentes, o que pode dificultar a busca por interesses comuns e a adoção de políticas conjuntas.
- 2) Interesses divergentes: Cada país do BRICS possui seus próprios interesses nacionais e prioridades políticas, o que pode criar divergências e dificultar a formulação de uma estratégia unificada.
- 3) Questões geopolíticas: Alguns membros do BRICS possuem diferentes visões e posições em relação a questões geopolíticas, como conflitos regionais e alinhamentos estratégicos, o que pode prejudicar a coesão do grupo.

Cooperação limitada: Apesar dos esforços para fortalecer a cooperação entre os países do BRICS, ainda existem desafios em áreas como comércio, finanças e segurança, o que pode limitar a eficácia do grupo como uma força unificada no sistema internacional. Portanto, embora o BRICS tenha passado por uma evolução significativa desde sua criação como uma estratégia de investimento, ainda existem desafios a serem superados para que se torne uma estratégia de política internacional coesa e efetiva.

É importante dizer que, em 2005, a Goldman Sachs, mesma instituição financeira que cunhou o termo BRICS, lançou outro relatório mencionando os "N-11" (Next Eleven), que incluíam Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, Coreia do Sul, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Turquia e Vietnã. Esse grupo envolvia países já conhecidos dos investidores, que retomariam espaço na economia global e nas carteiras de investimento, além de países em ascensão, onde as oportunidades estavam sendo descobertas naquele momento. Embora esses países não tivessem as mesmas perspectivas dos BRICS, o

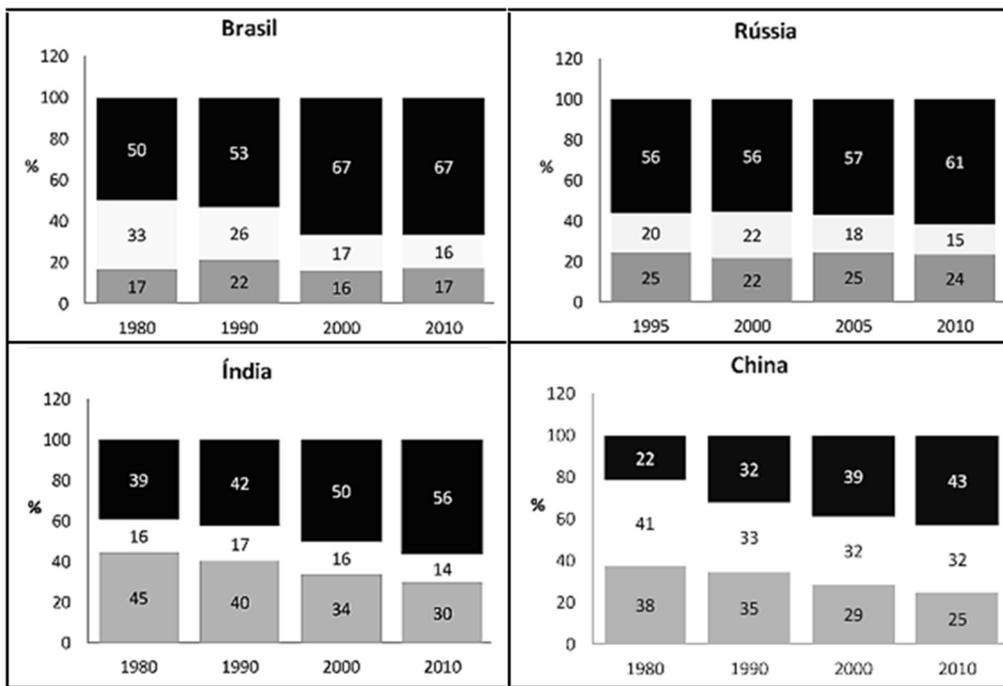


## VIII CONGRESSO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

crescimento esperado de suas economias os colocaria em competição com o G-7, reforçando a tendência de redistribuição do poder na economia mundial.

A sigla BRICS ganhou destaque em diversos estudos das relações internacionais contemporâneas, levando a uma constante análise de seus membros por diversos atores internacionais, reconhecendo-os como economias em expansão e crescimento. Em relação ao G8, que consiste em economias desenvolvidas, composto por Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá (anteriormente G7), mais a Rússia, o BRICS é formado por Estados em desenvolvimento com economias aquecidas e em expansão, ocupando um espaço intermediário entre Estados desenvolvidos e em desenvolvimento.

### Participação setorial no PIB do BRICS 1980-2010



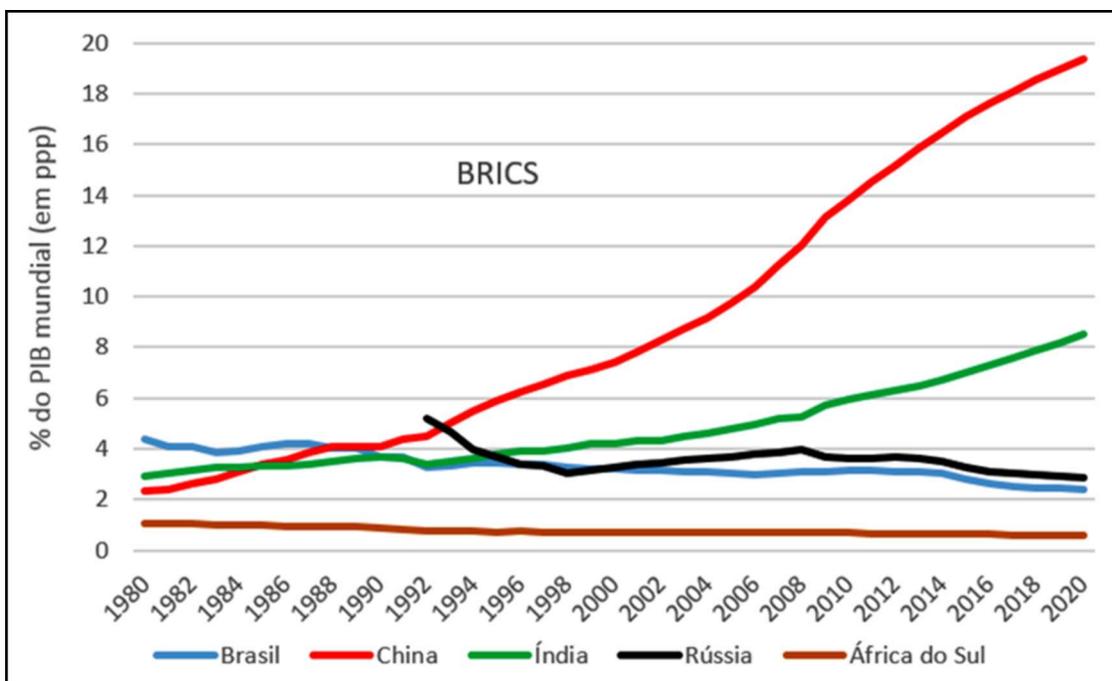
Fontes: UNdata e UnctadSTAT 2015. Figura 4.

Os países que compõem o BRICS, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, encontram-se em um estágio relativo de proximidade econômica e atuação no mercado internacional, classificados como "mercados emergentes" devido aos índices e velocidade de desenvolvimento econômico nas últimas décadas. A relevância internacional do grupo, embora sujeita a movimentações geopolíticas, pode ser majoritariamente analisada a partir de uma perspectiva econômica, e as comparações de desenvolvimento entre seus membros são frequentes. Desde 2009, os líderes do grupo realizam cúpulas anuais para tratar de questões políticas, econômicas, mercado

internacional e outras dinâmicas financeiras, visando ao melhor desenvolvimento de seus membros.

De acordo com os dados do FMI, observa-se que entre 1980 e 2010, e projetando para 2020 os únicos países que aumentaram sua participação na economia internacional foram a China e a Índia. Em 1980, a participação do PIB da China no PIB mundial, calculado em paridade de poder de compra (PPP), era pouco mais de 2%, e em 2020, essa participação se aproxima de 20%. Essa mudança é notável, pois nenhum país havia experimentado um salto de quase 10 vezes em quatro décadas na história econômica. Figura 4 e 5.

**Participação dos países do grupo BRICS no PIB mundial: 1980-2020**



Fonte: FMI, (Nota: 2016 a 2020 = projeção) <http://www.imf.org/external/datamapper/index.php> Figura 5. Em relação ao Brasil, sua economia tem experimentado uma conjuntura recente contraditória, representada por um crescimento econômico em desaceleração associado a um processo inflacionário generalizado e sistêmico. Essa situação apresenta um dilema, uma vez que, segundo os princípios da teoria econômica, existe uma relação inversa entre taxa de juros e crescimento econômico, bem como entre taxa de juros e inflação, e uma relação direta entre crescimento do PIB e inflação. Portanto, o país enfrenta desafios complexos em relação às políticas monetárias e fiscais para equilibrar esses indicadores.

Sob o rótulo de BRICS, temos a China, que é definitivamente uma grande potência econômica e também possui relevância nos aspectos tradicionais, político-militares. Atualmente, a China adota políticas para fortalecer seu mercado interno, reduzir a



## VIII CONGRESSO DE GEOGRAFIA ECONÓMICA

dependência das exportações e promover a endogeneização (valorizar recursos internos) dos processos de inovação. Por outro lado, a Rússia não se encaixa bem no rótulo de emergente (PECEQUILO; CARMO, 2011), pois sua inserção no cenário internacional é fortemente dependente da exportação de produtos primários, sendo que 73% dessas exportações são combustíveis.

Considerando a exportação de petróleo e gás, que confere à Rússia um peso geopolítico inquestionável, também a torna vulnerável às oscilações dos preços internacionais das commodities, revelando uma debilidade do país: sua incapacidade de incorporar plenamente do desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido durante o período soviético aos processos produtivos, o que limita o fortalecimento das empresas russas e impede uma inserção econômica internacional mais agressiva, similar à da China. Essa diferença entre China e Rússia se torna ainda mais evidente não apenas quando se compara o ponto de partida de cada país nos anos 1980, mas especialmente quando se constata que o leste russo não se beneficia da expansão chinesa como as demais áreas vizinhas (CARMO, 2011).

Mesmo que a Rússia permaneça como uma potência político-militar, sua estrutura econômica ainda é frágil e necessita de transformações para se consolidar como um polo econômico central na economia mundial capitalista.

A perspectiva fundamental da união desses países é caminhar rumo a um futuro de desenvolvimento, com o aumento da taxa de crescimento e do PIB. Dessa maneira, busca-se uma ampla transformação na economia mundial, com o surgimento de novas potências formadas por esses membros do BRICS.

### PIB em bilhões de dólares 2019-2021

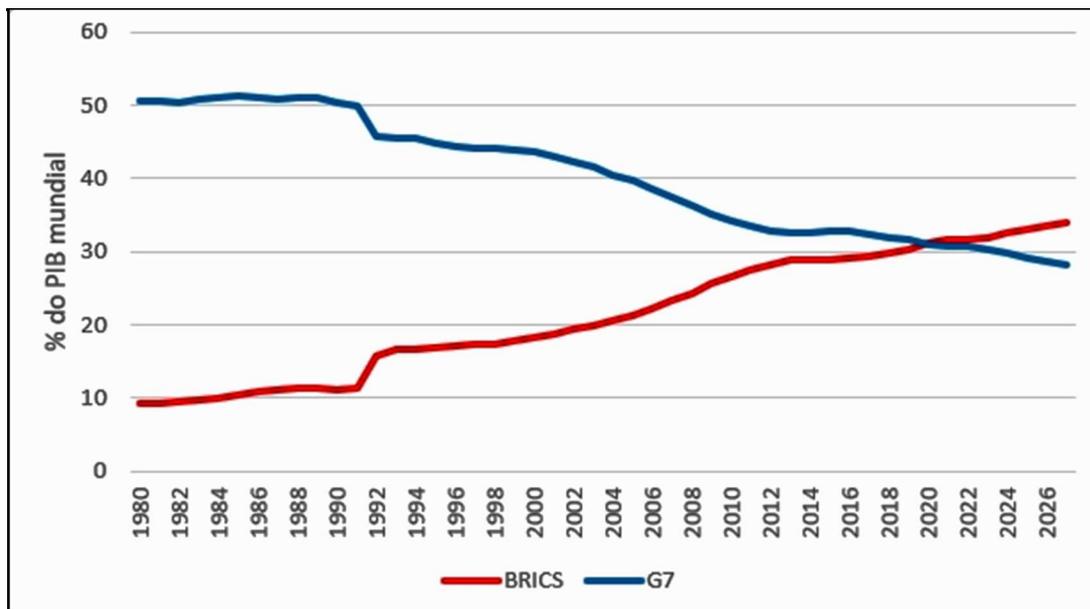
| País           | 2019     | 2020     | 2021         |
|----------------|----------|----------|--------------|
| 1) EUA         | 21.372,6 | 20.893,8 | 22.880,5     |
| 2) China       | 14.340,6 | 14.866,7 | 17.525,0     |
| 3) Japão       | 5.135,9  | 5.045,1  | 4.962,3      |
| 4) Alemanha    | 3.888,8  | 3.843,3  | 4.183,4      |
| 5) Índia       | 2.870,5  | 2.709,7  | (6) 2.923,6  |
| 6) Reino Unido | 2.833,3  | 2.624,4  | (5) 3.068,3  |
| 7) França      | 2.728,8  | 2.660,2  | 2.888,1      |
| 8) Itália      | 2.005,1  | 1.884,9  | 2.112,4      |
| 9) Brasil      | 1.877,8  | 1.444,7  | (11) 1.608,9 |
| 10) Canadá     | 1.741,6  | 1.644,0  | (9) 1.992,5  |
| 11) Rússia     | 1.690    | 1.478,6  | (10) 1.650,0 |

Fonte: Austin Rating 2023. Figura 6.

Embora a China tenha sido o país mais avançado do mundo até cerca de 3 séculos atrás, a situação econômica era bastante difícil antes das reformas implementadas por Deng Xiaoping em 1979. No entanto, com o grande crescimento recente e seu valor de paridade de compra, a China ultrapassou os Estados Unidos e se tornou a maior economia do mundo.

Em termos econômicos, o grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) continuou apresentando maiores taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e, em 2020, ultrapassou o grupo G7 em termos de participação no PIB mundial. Em 1980, o G7 representava cerca de 50% do PIB global, enquanto o grupo BRICS representava cerca de 10%. No entanto, na atual década, o G7 caiu para menos de 30%, enquanto o BRICS superou os 30% do PIB global. Isso significa que o BRICS agora representa cerca de 1/3 da economia global, abriga 40% da população mundial, é responsável por 18% do comércio mundial e contribui com 50% do crescimento econômico mundial. Esses dados mostram a crescente importância econômica e influência do grupo BRICS no cenário internacional.

#### Percentagem do PIB global do BRICS e do G7 1980-2026



Fonte: FMI/WEO de 2022. Figura 7.

Desde que os BRICS formalizaram a criação de dois instrumentos econômico-financeiros simbolizaram a consolidação do bloco de poder no mundo, em contraposição ao G-7 G-20. **Novo Banco de Desenvolvimento (NBD)** e do **Arranjo Contingente de Reservas (ACR)**.



## VIII CONGRESO DE GEOGRAFÍA ECONÓMICA

Só o primeiro quadrimestre de 2023 o comércio bilateral China/Rússia cresceu 64%, com a ampliação do bloco com a entrada da Argentina e outros países num período curto de tempo deverá se transformar no maior bloco econômico do mundo!

### Referências:

ALMEIDA, Paulo Roberto. **O Brasil e o BRIC: o questionamento de um conceito**. México, jun. 2008. Disponível em: < [http://www.nuso.org/upload/articulos/p9-9\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/p9-9_1.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2016.

AMIM, Samir. **O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENKO, George. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: Santos, M. et. all (org.). **Território globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1995. P. 51-71.

CARMO, Corival Alves do. Rússia e China: contrastes na inserção econômica internacional. In: PECEQUILO, Cristina (org.). **A Rússia: desafios presentes e futuros**. Curitiba, Juruá, 2011.

CHANG, H. **Maus Samaritanos: o mito do livre-comércio e a história secreta do capitalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CHESNAIS, F. **Finance Capital Today: Corporations and Banks in the Lasting Global Slump**. Leiden: Brill, 2016, 310p.

CROCETTI, Zeno. S. **A crise do capital e o uso do território**. Curitiba: Letra das Artes, 2019, 1ª edição.

DAVIS, M, et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

EBEI, ENEFER Consultoria Projetos, Ernst & Young. **Corredor bioceânico ferroviário: estudos técnicos referentes ao Eixo de Capricórnio: relatório consolidado**. Rio de Janeiro: BNDES, 2011.

ESCOBAR, Pablo. **China locked in hybrid war with US**. Asia Times, 17/03/2020(a). Disponível em: <https://asiatimes.com/2020/03/china-locked-in-hybrid-war-with-us/>

GEJO, Omar. H. **La Cuestión Periférica**. Centro de Estudios Alexander von Humboldt. Buenos Aires: Inédito, 1997.

GOODWIN, J, JASPER, J M., e outros. (2013) **Rethinking Social Movements: Structure, Meaning, and Emotion**. Oxford: Oxford University Press.

HUISSOUD, Jean-Marc; MUNIER, Frédéric (coord.). **La Guerre Économique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

JOHNSON, Chalmers. **As Aflições do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

- KAPLAN, R. D. **A Vingança da Geografia**. Rio de Janeiro: Campus, 2013.
- KONDRATIEFF, N. D. (1939) **The Long Wave Cycle**. London: E P Dutton, 1984, 138 p
- KOOPMANS, R; STATHAM, P (eds.) (2000), **Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics: Comparative European Perspectives**, Oxford: Oxford University Press.
- KORYBKO, A. **Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo, Expressão Popular, 2018.
- LIMA, Maria Regina Soares de; HIRST, Monica. Brasil, **Índia e África do Sul: desafios e oportunidades para novas parcerias**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- LOSURDO, Domenico. **A linguagem do Império**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LUNAS, J. R. da S. et al. Desafíos para el Corredor Bioceánico y sus potencialidades turísticas: la cuestión de la libre circulación de personas. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 20, n. especial, p. 31-43, 2019.
- MAMIGONIAN, Armen. **Ciclos Econômicos e Organização do Espaço**. Florianópolis: EDUFSC, 1998.
- MAMIGONIAN, Armen. **Teorias sobre a industrialização brasileira**. Florianópolis: Cadernos Geográficos. UFSC/CFH/GCN, nº 2.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed., São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NEGRI, A. Rem Koolhaas: **Junkspace e metrópole biopolítica**. Disponível em: Radical philosophy, tradução UniNômade BR,n.º 154, 2014. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/rem-koolhaas-junkspace-e-metropole-biopolitica/>>
- O'NEILL, Jim. **Building Better Global Economic BRICs**. Goldman Sachs, nov. 2001. Disponível em: <http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/buildingbetter.html>. Acesso em 02 de junho de 2023.
- OLIVEIRA, Amaury Porto de. **A China constrói uma parceria estratégica com a África. 2008**. Disponível em: [http://www.funag.gov.br/eventos/conferencia/pdfs-conferencia-china/pdf\\_amaury\\_porto\\_de\\_oliveira](http://www.funag.gov.br/eventos/conferencia/pdfs-conferencia-china/pdf_amaury_porto_de_oliveira)
- PATNAIK, Prabhat. A desglobalização está se confirmando? [http://www.peoplesdemocracy.in/2023/0604\\_pd/](http://www.peoplesdemocracy.in/2023/0604_pd/) “de-globalisation”-occurring. 04 de Junho de 2023. Tradução de JF.
- PERKINS, John. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- PERKINS, John. **Novas Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2018.
- RANGEL, Ignácio. M. **A História da Dualidade Brasileira**. Revista de Economia Política, São Paulo, 1 (4): 5-34, jan.-mar., 1981.
- SANTOS, Milton. **Economia Espacial**. São Paulo: Edusp, 2004. 2ª edição.



## VIII CONGRESO DE GEOGRAFÍA ECONÓMICA

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 11. ed. Rio de Janeiro:

SLOBODIAN, Quinn. e MIROWSKI, P. *Nine lives of neoliberalism* (Nove Vidas do Neoliberalismo) Londres: Verso, 2020.

SLOBODIAN, Quinn. *Globalists: the end of empire and the birth of neoliberalism*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

STREECK, Wolfgang. *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*. Lisboa: Conjuntura Actual, 2013.

WESTEN, Drew. *Cérebro Político* - O Papel da emoção na decisão do destino da nação. São Paulo: Unianchieta, 2008.

WOOD, Ellen. *Império do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2014.